

A MENINA DO SEMÁFORO

Manoel Jaime Xavier Filho

O sol não aparecia de todo naquela manhã nublosa e brumosa, mesclada de outros encantos que lhe são próprios. Perceptível uma brisa suave, intermitente e acariciante aos que sabiam senti-la.

No cruzamento do bairro praiano, ela parou seu carro em obediência ao semáforo que de amarelo passou ao vermelho.

Sentada na calçada ao lado, uma mãe algo indiferente, talvez deslemburada de atenções, na companhia de duas filhas menores, a mais velha com cerca de dez anos, rodeando por entre carros e motos no papel de pedinte. A outra, alheia ao entorno, brincava com uma boneca de pano, desprovida do braço esquerdo. Pertencera a uma outra criança da classe abastarda, uma espécie de reciclagem praticada no universo lúdico-infantil.

A bela mulher ao volante, vestida de verde, de cabelos longos e alourados, baixou o vidro elétrico, estendeu seu braço nu, tão branco quanto leite, para oferecer à garota alguns poucos pães de queijo, juntados em um saco plástico. O agradecimento se fez presente mais no sorriso esboçado e por um olhar indefinível do que pela fala audível. Logo surgiu o verde luminoso, o vidro foi levantado e o carro seguiu em frente para logo sumir.

Coube a um motorista de UBER, que trafegava na rua perpendicular, retido pelo sinal vermelho, a chance de presenciar a distribuição dos pães, ali acontecida. A primeira a receber foi a irmã menor, seguindo-se a mãe, um tanto torpente, assim parecia. Na sequência, a menina, dona dos pães, permitiu-se usufruir sua cota parte.

Vem de onde a lhaneza inata daquela criança anônima a quem a vida lhe subtrai o acesso a uma vida minimamente decente e, assim mesmo, volta-se prioritariamente para alimentar a irmã e a mãe, antes de mitigar sua própria fome?

De alguma maneira, a boa literatura tem se detido também na análise dessas pequenas criaturas tão desvalidas quanto surpreendentes.

Victor Hugo, em sua obra *Os Miseráveis*, denuncia as graves desigualdades socioeconômicas da sociedade francesa do século XIX, ao lado do sistema judiciário íldimo com consequências desastrosas para a população pobre, incluindo o mundo infantil. O livro centra-se no episódio em que *Jean Valjean*, um dos seus personagens, é condenado à prisão porque roubou pão para levar aos sobrinhos que passavam fome.

Por outro lado, o escritor *Charles Dickens*, em seu livro *Oliver Twist*, também no século XIX, agora na Inglaterra, nos apresenta uma criança, órfã e indigente, maltratada por adultos e sendo encaminhada para o mundo do crime.

No Brasil, *Jorge Amado* retoma o tema em seu livro *Capitães de Areia*, no qual meninos em situação de rua são a resultante de um sistema político-econômico, cruel e inaceitável.

Na contemporaneidade, imersos nesse mundo de ausência de perspectivas, quantos jovens, moças e rapazes, são arrastados para o mundo das drogas em cujas certezas constam a prisão e a morte violenta?

Aqui, a criança do semáforo, criada ao relento, recebe o pão incerto, está solta nas ruas, mas aprisionada a uma cadeia sem grades aparentes, representada pela falta de teto e de uma família normalmente constituída, privação da segurança alimentar, sem acesso à educação com cidadania, não contemplada pelos benefícios do saneamento básico, obrigada a conviver com outras tantas carências e desrazões inadmissíveis.

Sentenciada à desesperança, aquela menina do semáforo simboliza uma multidão incalculável de outras tantas em condições semelhantes, no Brasil e mundo afora.

De tanto vê-las entregues à própria sorte, a tragédia que carregam já não comove o coração da maioria dos adultos, é que o sofrimento crônico, ao contrário do agudo, conduz a um certo entorpecimento da consciência social.

Se fosse possível aos jovens de hoje, aqueles que moram no conforto dos seus lares, subtrair algumas das suas prolongadas horas diárias e improdutivas, dedicadas às telas de seus celulares e equipamentos afins, substituindo-as pela leitura de obras literárias, as citadas e inúmeras outras com temática a mais variável, e que tanto ajudam a refletir e enxergar o mundo por lentes distintas, no futuro, outro seria o perfil da sociedade, integrada por pessoas mais conscientes, responsáveis, sensíveis e competentes, entre as quais, é possível crer, também políticos e dirigentes do país.

Num primeiro momento, o sonho seria ver implantadas bibliotecas nas escolas públicas dos mais de cinco mil municípios brasileiros que ainda não as tenham, o número é assustadoramente elevado, fazendo constar do acervo livros físicos e digitais, onde alguns clássicos da literatura brasileira e universal ocupariam lugar de destaque.